

▼ PRIMEIROS HABITANTES

Vida encurta para os índios

Enquanto a maioria da população brasileira está morrendo cada vez com mais idade, as comunidades indígenas fazem o caminho inverso

LUCIANE AQUINO

Sucursal/Brasília

A falta de atendimento médico está jogando os índios brasileiros no caminho



da extinção. É tão grave a situação que chega a ser classificada de "genocídio" pelo próprio presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Júlio Gaiger. Os dados são alarmantes e mostram as sociedades indígenas na contramão da história. Enquanto a grande maioria da sociedade brasileira morre na terceira idade em consequência de problemas de Primeiro Mundo, como as doenças circulatórias, o infarto e os acidentes de trânsito, os índios estão morrendo cada vez mais jovens por causa de enfermidades primitivas, como as diarreias e as infecções pulmonares.

Um estudo pioneiro realizado pelo médico Rômulo César Sabóia Moura, do Instituto de Medicina Tropical de Manaus, demonstra que a expectativa de vida dos índios caiu 11,6% nos últimos três anos. Em 1993, a esperança para um índiozinho de cinco anos era de que ele vivesse até os 48,2 anos. Em 1994, a previsão caiu para 45,4 anos. Em 1995, a expectativa de vida desceu ainda mais: chegou a 42,6

anos. Em 1995, os estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) informavam que as mulheres brasileiras estavam vivendo em média 70,3 anos, e os homens, 63,81 anos.

Os dados da Funai demonstram que, no ano passado, morreram 2% dos índios brasileiros. A etnia mais gravemente atingida é a dos ianomami, uma tribo nômade que vive em Roraima. Dos cerca de 10 mil ianomami que habitavam o Brasil há quatro anos, de acordo com a organização não-governamental Médicos Sem Fronteiras, já morreram 2,3 mil. As principais razões para a morte dos índios são o contato com a civilização, a consequente contaminação com novas doenças e a falta de agentes de saúde que as tratem.

Os índices de mortalidade infantil também demonstram um grande abismo entre os números que valem para a sociedade brasileira em geral e as comunidades indígenas. Enquanto a mortalidade infantil média registrada pelo IBGE na região Norte em 1987 era de 54,3 mortes para cada criança menor de um ano de idade, os índices entre os índios variavam no mesmo ano, de acordo com dados da Funai, entre 78,77 e 153,26.

FALTA DIAGNÓSTICO - O estudo de Sabóia Moura mostra que uma das princi-

Retrato do descaso



DAVI ZOCOLI/ARQUIVO DC

Sem assistência médica, índios morrem de doenças banais, como a diarreia

pais razões da tragédia indígena é a falta de cuidados de saúde. O médico apurou que 22,3% dos índios que morreram no Brasil entre janeiro de 1993 e outubro de 1994 não tiveram nenhum tipo de assistência médica. A ausência de agentes de saúde e a consequente falta de diagnóstico da motivação do óbito é registrada nos boletins das 47 unidades da Funai - pesquisados por Sabóia Moura - como a primeira causa de morte nas tribos

brasileiras.

O presidente da Funai sabe que o problema da saúde indígena é grave, mas não tem recursos para combatê-lo. "Os dados são desconfortáveis demais, e nós não queremos repeti-los no próximo ano", disse. Gaiger observou que a miséria dos índios tem contribuído muito para a mortalidade, e afirmou que a sociedade deve buscar uma solução para a questão indígena. "O Estado precisa decidir se pa-

trocina esse genocídio ou se toma uma providência".

O presidente da Comissão de Meio Ambiente e Minérios da Câmara, deputado Gilney Viana (PT-MT), ficou alarmado com a conclusão do estudo de Sabóia Moura, e pretende apresentar os dados na Organização das Nações Unidas, em Nova York, onde tem reuniões na semana que vem. "Isso decorre do descaso do Estado com as suas minorias étnicas", afirmou.

Expectativa é maior na região Sul do Brasil

A etnia indígena com maior expectativa de vida no Brasil são os kaingangue, habitantes do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná. Em 1995, de acordo com o estudo do médico Rômulo César Sabóia Moura, a previsão era de que os integrantes dessa tribo vivessem em média até os 56,9 anos. Mesmo assim, a expectativa de vida é menor do que a média do brasileiro, que é de 70,3 anos para as mulheres e 63,8 anos para os homens. Os kaingangue, de acordo com os dados da Fundação Nacional do Índio (Funai), são hoje 14.300.

Sabóia Moura afirma que o motivo para a maior expectativa de vida entre os caingangues, que enfrentam situações de miséria, é a facilidade em buscar auxílio médico. Essa regra vale também para as outras etnias que morrem mais tarde. São invariavelmente tribos que vivem nas periferias das cidades, muitas vezes em favelas. As etnias que menos vivem são os ianomami (34 anos), os tikuna, do Amazonas (34,5 anos), e os macuxi, do Amazonas (36 anos).

Os maiores níveis de expectativa de vida por Estado são registrados em Alagoas (62,7 anos), Rio Grande do Sul (60,3 anos), Santa Catarina (58 anos) e São Paulo (56,3 anos). Os piores estão em Roraima (37 anos), Mato Grosso do Sul (37,7 anos), Pará (38 anos) e Amazonas (42,8 anos).